

# CULTURA

Existe vida  
inteligente  
na literatura

HOMERO VIZEU ARAÚJO \*

**N**ão é necessário muito esforço para topar com afirmações de que, no Brasil, a literatura, em particular, e a cultura, em geral, encontram-se estagnadas, quando não à beira do colapso. A julgar pelos lançamentos recentes, não é bem assim. A editora Relume Dumaré e a Fundação Cultural do Estado da Bahia, por exemplo, trataram de publicar em parceria livros agraciados com um certo Prêmio Cultural de Literatura. Cada um contém cinco contos relativamente curtos e todos os três reiteram que há movimento e qualidade no quadro literário brasileiro.

Cunha de Leiradella, em *Síndromes & Síndromes (e Conclusões Inevitáveis)*, é quem mais surpreende. Tem o narrador menos reflexivo e o mais voltado para o diálogo seco: o que se passa na cabeça das personagens fica a cargo da imaginação do leitor. Dos cinco contos, três são autênticos duelos urbanos entre homem e mulher, diálogos em que os subentendidos de agressividade e ironia parecem sempre a ponto de irromper na página.

*Síndrome da Musa Paradisiaca* é estu-pendo. A maior parte dele é um sensacio-nal exercício de humor e estilo em portu-guês arcaico, coisa de deixar eufórico e realizado o meu amigo Aníbal Damasce-no Ferreira, tarado semântico e estilístico confesso. Há dois narradores. Um é Sarnyno Olharyno, Escryvam & Plancta-dor de Musas Paradisiacas & Provedor de Elleyçõens, que envia seu relatório a uma

REPRODUÇÃO/ZH

autoridade, o Senhor das Promyções & Doa-ções & Mordomias Das Terras de Passa Fora, Foragydos & Ou-tros Povos. O outro é o ex-chefe da equipe de demolições siderais, que, num futuro distan-te, reproduz o texto de Sarnyno Olharyno, embora reconheça que tal relíquia arqueológi-ca é indecifrável.

A tal Terra de Passa Fora, Foragidos & Outros Povos é, claro, o Brasil, sobre cujos hábitos pitorescos o Escryvam lança seu olhar psêudoingênuo e acanalhado. Texto

que deveria ser decifrado, dali a mais de mil anos, pelo Presidente do Comitê de Línguas Mortas para o 104º Mundo, mas o erudito morre antes de dar cabo da tarefa. Os desencontros entre a bu-rocracia do futuro mais próximo e a do mais distante rendem o efeito cômico a denunciar nossa irrelevância, digamos, cósmica. Hilariante sem perder o rigor da construção, Cunha de Leiradella es-creveu um clássico.

\* *Professor de Literatura Brasileira da UFRGS*

